

Zacarias 3

por Jefé Alves de Assis

Dentro do propósito geral do livro, está o propósito dessa visão. Essa visão mostra a função singular que o povo restaurado tinha dentro dos planos divinos na história da redenção “de, finalmente, trazer a consumação”.¹ Sendo assim, o propósito consiste em encorajar Israel, diante das dificuldades resultantes das circunstâncias precárias, tanto sociais quanto financeiras, bem como a condição de apatia espiritual que reinava dentre o povo. “É preciso que Zacarias saiba e proclame que a comunidade foi escolhida, perdoada, santificada e comissionada para servir no plano do Deus Yahweh”.² Portanto, a visão de Zacarias convida o povo a olhar além da “expectativa da aparência das coisas no tempo, e que eles deveriam dirigir seus olhos e seus pensamentos ao poder de Deus, que ainda não tinha se manifestado, e que, de fato, Deus, propositalmente, designou não exercer, em razão de provar a paciência do povo”.³

A PURIFICAÇÃO:

v.1 E me mostrou Josué o sumo sacerdote,

As visões antecedentes sempre iniciavam com Zacarias informando que levantava os olhos para poder contemplar as visões (veja 1.18; 2.1), o que será repetido novamente, só que posteriormente (por exemplo, 5.1). É bem provável que a ausência dessa expressão se deva a fim de que não haja uma demasiada e desnecessária repetição.

Em princípio, uma questão surge: quem é que mostra essa visão a Zacarias? Afinal, alguém “mostrou” algo a ele. Duas alternativas têm sido propostas. A primeira credita ao anjo intérprete tal visão, enquanto a segunda credita ao Senhor. Grande parte dos estudiosos tem concordado com a segunda opção, haja vista que é sempre o anjo intérprete quem explica a visão,

¹ Gerard van Groningen, *Criação e Consumação 2* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), 454.

² Idem.

³ John Calvin, *Commentary on the Prophet Zechariah* (Ages Digital Library), 68. Versão Eletrônica.

mas, sempre cabe ao Senhor a tarefa de introduzi-la. Portanto, é mais cabível creditar ao Senhor como autor da dita visão.⁴

A visão é do sumo sacerdote, Josué. Todo o conteúdo da visão o permeia. Esse personagem histórico é filho de Jozadaque, sumo sacerdote no período do retorno dos exilados (Ag 1.1). Seu nome (יְהוֹשֻׁעַ) significa “o Senhor salva”. Josué foi um dos alvos da mensagem profética de Ageu, em que o Senhor exortou para reconstruir o templo (Ag 1.12). Prontamente, ele e outros se dispuseram a concluir tal obra (Ag 1.14). Após a conclusão do templo, Josué se entristeceu ao perceber que o trabalho deles era simples demais, se comparado ao magnífico templo construído por Salomão. No entanto, Deus o exortou a se alegrar novamente, pois a glória do segundo templo superaria, em muito, à construção do templo de Salomão (Ag 2.1-9).

Josué é aqui referido como sumo sacerdote (הַכֹּהֵן הַגָּדוֹל). Ao que parece, após a queda da monarquia, a figura do sumo sacerdote ganhou importância maior do que anteriormente, devido à falta de um monarca estabelecido. Portanto, devido a seu cargo de sumo sacerdote, cremos que a identidade de Josué, aqui presente, reflete uma representatividade do povo. “Neste preciso contexto é importante compreender que o sumo sacerdote na função de mediador tanto pode representar Deus quanto o povo. Nesta cena ele claramente representa o povo. O ponto a ser compreendido é que o povo, inclusive os sacerdotes, é culpado.”⁵ Portanto, Josué é um personagem histórico, cuja representatividade na visão dilata-se à medida de todo o povo, a fim de demonstrar que Deus restauraria o chamado de Israel como nação sacerdotal (Ex 19.6).

que estava de pé diante do Anjo do Senhor, e Satanás à sua mão direita, para se opor ele.

⁴ Evidentemente, também, não poderíamos conceber a idéia de que o Anjo do Senhor foi quem proporcionou tal visão, posto que ele aparece no decorrer da visão, interagindo com os demais personagens. Para uma defesa do anjo intérprete como sendo o propiciador de tal visão, veja **J. G. Baldwin**, *Ageu, Zacarias e Malaquias* (São Paulo: Mundo Cristão e Edições Vida Nova), 90.

⁵ **Gerard van Groningen**, *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), 831.

A cena mostra Josué parado, diante do Anjo do Senhor, tendo Satanás a sua direita. O cenário aqui se refere a uma espécie de concílio celestial ou, mais provavelmente, o cenário de um julgamento no céu. Evidentemente, essa visão não deve ser entendida como literal. Josué não foi transladado aos céus, haja vista que não há indicações no texto, nem paralelos em outras partes da Escritura.

No presente texto, Satanás é um sujeito, e não meramente um opositor qualquer que, no desenrolar do Novo Testamento, ganhou *status* de arquiinimigo de Deus. A presença do artigo acoplado ao substantivo (וְהַשָּׂטָן) implica o seu caráter e natureza única, ao contrário de indicar que “a palavra não é usada como nome próprio, mas no sentido de ‘promotor’”.⁶

Baseado em Jó 1-2, Smith advoga que Satanás possuía presença nesse julgamento.⁷ As razões são as seguintes: (1) Satanás aparece diante do Senhor em ambas as passagens; (2) o Senhor fala algo a Satanás; (3) a presença de outros anjos no grupo, v. 4-5.⁸ Enfim, tendo ou não acento, o papel de Satanás é claro, tanto aqui como em outras passagens. O propósito de Satanás é “se opor” ao povo. Se pegarmos literalmente essa passagem, veríamos que “o acusador (וְהַשָּׂטָן) estava a sua direita para o acusar (לְשִׁטְנוֹ)”. Justamente por isso que as Escrituras demonstram que papel especial de Satanás é de acusar os homens de seus pecados (Ap 12.10). Calvino estende essa oposição para além do mero desejo de discursar contra o povo, devido as suas muitas faltas e iniquidades resultantes. Ele diz que “seus transtornos eram levantados de muitas nações, porque Satanás espreitava para sua ruína”.⁹

Ainda a esse respeito, Satanás estava situado à mão direita de Josué.¹⁰ Interessantemente, há uma tendência nas Escrituras de relatar a ação

⁶ Baldwin, 91.

⁷ Ralph L. Smith, *Word Biblical Commentary, Volume 32: Micah-Malachi* (Dallas: Word Books e Thomas Nelson Eletronic, 1984). Versão eletrônica.

⁸ O texto não diz explicitamente quem são esses que efetuam as ordens do Anjo do Senhor (v. 4) e o pedido de Zacarias (v. 5). No entanto, voltaremos à questão no comentário ao v. 4.

⁹ Calvin, 69.

¹⁰ Sem apresentar nenhuma evidência histórica ou bíblica, Groningen diz que essa posição era utilizada por aliados, como o advogado de defesa, e não por adversários. A partir disso, ele advoga que Satanás teve grande participação na poluição em que estava inserido Josué. Isso se deu por meio de um engano que Satanás praticou para com ele. “Ele traiu Josué. Ele o acusou em vez de defendê-lo”. Evidentemente, Groningen não está querendo afirmar que Josué fez um pacto com Satanás! No entanto, se levarmos os seus termos às ultimas

acusadora de um adversário, como Satanás, sempre o colocando nessa posição. O Sl 109.6 é um exemplo disso, o qual se constitui em uma oração imprecatória de Davi. Ele diz: “Suscita contra ele um ímpio, e à sua direita esteja um acusador (אֲשֶׁר יְשׁוּׁר)”.

No entanto, o Anjo do Senhor está presente para defender Josué das acusações de Satanás. Sendo assim, o Anjo do Senhor figura como uma espécie de advogado, ou melhor, como um mediador. Evidentemente, ele possui uma autoridade ímpar. Pelo seu próprio nome (o Anjo “do Senhor”), percebe-se sua íntima relação com o Senhor. Como já mencionado na análise lexicográfica, a palavra “Anjo” (מַלְאָכִים) vem “de uma raiz em desuso que significa despachar alguém como um representante; um mensageiro; especialmente, de Deus, i. e., um anjo (também um profeta, sacerdote ou mestre)”.¹¹ Dentre tarefas que o Anjo (mensageiro) tinha era de representar de modo mais ou menos oficial aquele que o enviara, nesse caso, Deus. Isso se encaixa bem com a idéia de que o Anjo do Senhor foi o enviado do próprio Deus, para ser o preservador e o redentor do povo.

Diante desse cenário, havia dois propósitos que tornam-se claros, no que diz respeito ao povo: (1) Satanás era seu inimigo particular, e não outras nações, cujas atuações se davam visivelmente; (2) havia uma proteção segura que fora providenciada pelo próprio Senhor, através de seu Anjo. Sendo assim, o povo deveria ter consciência de que a sua luta não envolvia apenas inimigos humanos. Na realidade, eles estavam em guerra contra o próprio Satanás..¹²

v. 2 E disse o Senhor para Satanás:

Interessante notar que nenhuma palavra é dita por Satanás. No entanto, sua própria presença já indica o caráter de ação, que é, justamente, acusar. Não há razão para concluirmos que a acusação que Satanás intenta pronunciar não esteja baseada nessa situação. Satanás sabia do santo propósito de Deus para com seu povo. Aparentemente, ele está em uma

conseqüências, levaria a isso, o que realmente seria impróprio. **Groningen**, *Criação e Consumo* 2, 455.

¹¹ **Strong**, vide nº 4397.

¹² **Calvin**, 69.

situação privilegiada, haja vista que quem estava diante do Grande Juiz era um homem cujas vestes estavam imundas de pecado. A luz da frase seguinte, o desejo de Satanás era fazer com que, através de sua acusação, Deus rechaçasse a sua própria escolha do povo. Evidentemente, isso é impossível (Lv 40.4ss; Jr 31.36-37; 32.40; Rm 3.1-4; 11.1-2).

Observe que o texto mostra que quem se dirige a Satanás é o Senhor (וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־הַשָּׁטָן). No entanto, é claro que, através do contexto, essas palavras são pronunciadas pelo Anjo do Senhor. A própria idéia de Satanás estar situado à direita de Josué, enquanto o Anjo do Senhor está diante dele, favorece essa idéia. Ademais, nessa visão, em momento algum, Deus (o Pai) tem voz ativa. Se tivesse, não haveria razão de mandar seu Anjo (mensageiro / representante). O testemunho histórico corrobora com isso. Por exemplo, a Peshitta percebeu a dificuldade de harmonização dessas palavras como sendo pronunciadas pelo Senhor, tanto é que substituiu a expressão וַיֹּאמֶר יְהוָה (e disse o Senhor) por וַיֹּאמֶר מִלְאָךְ יְהוָה (e disse o Anjo do Senhor).

Juntado os fatores exegéticos do texto, bem como o testemunho histórico de antigas versões, a conclusão lógica que as segue é de que o Anjo do Senhor é creditado como Deus. Portanto, a sua deidade é confirmada. Na realidade, isso não é novidade nas Escrituras, pois, em certos momentos, o Anjo fala como se fosse Deus (Gn 31.11-13; Jz 2.1-3), sendo que as pessoas que o encontram trata-o como se ele fosse Deus (Gn 16.11-13; Jz 13.22). Um exemplo claro disso encontra-se na ocasião em que o Anjo do Senhor se dirige a Jacó em seu sonho (Gn 31.13), na ocasião em que esse fugia de Labão. O próprio Anjo diz de si mesmo: “Eu sou o Deus de Betel” (אֲנֹכִי הָאֵל בֵּית־אֵל). Observe que o pronome pessoal está em ênfase.

Se observarmos o contexto da presente visão, perceberemos que ela se encaixa bem nos relatos veterotestamentários, pois as aparições do Anjo do Senhor sempre se dão com a finalidade de proteger ou guiar o povo. Ora, juntando o fato dessas obras, bem como a obra de interseção pelo povo (Zc 1.12-21), são obras específicas do Anjo do Senhor, e também que ele é identificado como Deus, chegamos à clara e nítida idéia que ele é uma representação de Cristo. A esse respeito, Calvino disse:

Deus fala aqui; e ainda que ele dá a impressão de ser o Anjo do Jeová. Mas, isso não é inescrutável. Pois, como no último verso, em que Zacarias diz que Josué estava diante do Anjo de Jeová, sem dúvida significa Cristo, que é chamado de Anjo e também de Jeová; assim, também, ele pode ser chamado nesse verso. Mas, que nenhuma pessoa contenciosa possa dizer que nós refinamos demasiadamente acerca dessas palavras. Nós podemos tomá-las simplesmente, - que Deus menciona aqui seu próprio nome na terceira pessoa; e esse modo de falar não é raro nas Escrituras (Gn 19.24).¹³

o Senhor te repreenda, ó Satanás, o Senhor te repreenda.

O Anjo do Senhor assume aqui o papel de redentor, bem como, mediador, ou seja, aquele que foi enviado pelo Pai para representá-lo diante das acusações de Satanás contra seu povo eleito. Para tal, o Anjo repreende Satanás com sua autoridade divina. Observe que o mostra que quem pronuncia essas palavras é o Senhor – identificado na pessoa do Anjo do Senhor, no entanto é o próprio Senhor que repreenderá. Todos os nomes dados a Deus nesse verso é יְהוָה, o nome pactual de Deus. Não há, portanto, como fugir da nítida unidade e pluralidade que são postas aqui harmoniosamente. Portanto, nessas palavras se encontram mais um raio de luz da Trindade no Antigo Testamento.

O verbo “repreender” (נָעַר) não denota um julgamento à revelia. Pelo contrário, tal verbo significa uma reprovação por algo praticado ou intentado. “Quando usado por Deus, reprovado por ação, significando remoção de ambos, dele [o acusador] e sua acusação, inteiramente”.¹⁴ Observe que, de acusador, Satanás passou a ser acusado.

A repetição da frase “o Senhor te repreenda” (יְהוָה בְּךָ) é devido a ênfase que é posta. Esse fato demonstra que as palavras pronunciadas não foram em tons diminutos. Há uma severa repreensão aqui. Além de tal repreensão, o direito de resposta é vedado, já que Deus (o Anjo do Senhor) não tolera réplica à sua palavra (Sl 9.15; Is 17.13).

O importante de tudo é que, apesar de Deus ter, até aqui, dado vaga a Satanás para atacar tanto a Igreja como ao sacerdócio, também Deus seria guarda fiel

¹³ Calvin, 70.

¹⁴ Kliefoth in C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament, vol. 10, The Minor Prophets* (Peabody: Hendrickson Publishers, 2ª ed., 2006), 525.

de sua Igreja, e restringiria Satanás, que não poderia executar aquilo que ele intentava; e, além disso, que muitas disputas precisam ser suportadas, até o período da batalha final.¹⁵

Aquele que elegeu a Jerusalém te repreenda;

O motivo da repreensão é porque Deus, o Pai, “elegeu a Jerusalém”. Nesse sentido, o Pai repreende a Satanás por intermédio de seu mediador, o Anjo do Senhor. A eleição do povo já ocupou um certo destaque (1.17; 2.12). A volta desse ponto, demonstra que, se Deus escolheu a Jerusalém, Ele também iria conservar a sua integridade dos ataques de Satanás, muito embora tal integridade não fosse caracterizada por pureza que nasce de uma vida sem pecado, como as vestes sujas de Josué mostrarão em seguida. A eleição do povo demonstra a deferência divina no seu trato para com os mesmos, mesmo sendo eles indignos.

Mesmo sem proferir palavras, o intento de Satanás se torna claro diante da repreensão do Anjo. Seu intento era revogar a escolha divina com base nos pecados que o povo possuía, representados na figura das vestes de seu sumo sacerdote, cuja espiritualidade, santidade e moralidade deveriam ser encontradas como as mais integras dentre o povo. Israel era a nação sacerdotal de Deus no mundo caído. Esse caráter sofreu uma violação profunda, quando o povo foi levado cativo para o exílio. Sendo assim, Satanás advogaria contra Israel devido a sua culpa, diante do Anjo do Senhor, que se constitui o defensor do povo como seu legítimo representante. Facilmente, a lógica de Satanás seria: uma nação culpada e manchada pelo pecado não pode ser uma nação santa e sacerdotal. No entanto, mais uma vez, o Anjo do Senhor figura no seu papel de mediador entre Deus e o povo, sendo o seu intercessor (veja 1.12). A razão da defesa era que o Senhor não mudaria a sua escolha no ato de eleger Israel. Isso só demonstra a irracionalidade da acusação de Satanás: acusar o povo com base na eleição do próprio Juiz (Rm 8.33). A segurança resultante de sua eleição era o grande conforto que o povo deveria ter naquela época.

não é este um tição extraído do fogo?

¹⁵ Calvin, 70-71.

Após falar sobre a razão de sua repreensão, a saber, a eleição divina, o Anjo do Senhor fala a Satanás como isso é exemplificado na história. Demonstrado o favor de Deus em prol do seu povo, Satanás não poderia de forma alguma acusar Josué. A figura de “um tição extraído do fogo” já foi utilizada em Am 4.11. Ela é uma espécie de provérbio, muito comum naquela época. Era utilizado para demonstrar a figura de algo ou de alguém que estava prestes a ser destruído, mas que foi salvo por intervenção de alguém. Aplicado ao contexto histórico do texto, essa expressão aponta para a libertação providencial que Deus havia dado dos castigos que Ele próprio havia dado ao povo. Não é sem motivo que a escravidão no Egito é retratada como uma fornalha de ferro (Dt 4.20; Jr 11.4). Robertson identifica esta imagem como a saída do povo como que do “fogo do julgamento de Deus no exílio”.¹⁶ Enfim, essa figura demonstra que a destruição era iminente, caso não houvesse nenhuma intervenção. Isso, por sua vez, mostra que a retirada do objeto do fogo se constitui numa preservação. Por pouco, a destruição não aconteceu, pois a graça de Deus não permitiu. “Considerando que Josué representa tudo o que restou da fornalha do exílio, ele é duplamente precioso, objeto do amor eletivo de Deus”.¹⁷

Muitas vezes, o fogo é utilizado para demonstrar figuradamente um estado de quem está em castigo. Em um outro sentido, além de castigo, o fogo, figuradamente, representa um processo de purificação. Penso que a figura pode representar esses dois fatores, haja vista que o exílio cumpriu o papel tanto de castigar quanto de purificar o povo de seu pecado.

v. 3 E Josué estava vestido de trajés imundos, e estava em pé diante do Anjo.

Nesse instante, é revelado que Josué não está trajado com a glória da presença de um sumo sacerdote, como era caracterizado antes do exílio. Agora, ele estava trajado com vestes imundas (בגדים צואיים). Essas vestes imundas representam os pecados em que o povo estava inserido, após o castigo que Deus havia dado no exílio. Tais pecados se constituíam da mais diversa sorte. No entanto, o que transparece é que seus pecados eram

¹⁶ O. Palmer Robertson, *The Christ of the Prophets* (Phillipsburg: Presbyterian & Reformed, 2004), 380.

¹⁷ Baldwin, 91.

insuportáveis. A raiz do adjetivo “imundo” (זָוָה) remonta a sujeira provinda do excremento humano, daí a idéia de “mundície” (veja Dt 23.13; Ez 4.12). A figura é de Josué com suas vestes sacerdotais cobertas de fezes humanas diante do Anjo do Senhor. Evidentemente, “trajes imundos” é uma figura que representa muito bem a poluição que envolve o pecado (Is 64.5; Pv 30.12; Ap 3.4; 7.14). Podemos identificar tais sujeiras tendo “o lugar principal da idolatria tomada pela mais refinada idolatria da alto-justificação, egoísmo e conformidade com o mundo. E a representatividade da nação diante de Deus foi afetada com a sujeira de seus pecados, que deu a Satanás um pretexto para a sua acusação”.¹⁸

Como já dissemos, o sumo sacerdote tem o papel de representar o povo diante de Deus, já que isso fazia parte de seu ofício. Para tal, o sacerdote deveria trajar vestes sacerdotais limpas e consagradas (Ex 28.2). “Esse verso levanta o problema de como um Deus santo pode abençoar uma nação impura como Israel”.¹⁹ Como poderia o sumo sacerdote ocupar seu serviço santo de uma maneira digna, se ele está coberto com excrementos humanos? Em outras palavras, como Israel poderia cultuar e servir a Deus, se os seus pecados eram insuportáveis diante dele? No entanto, o Anjo do Senhor não permitiria que Satanás proferisse em palavras os seus intentos imaginários, nem que o povo continuasse sujo com o pecado. Isso ficará evidente nos próximos versos, onde o Anjo do Senhor traz redenção a Josué, dando-lhe vestes limpas, deixando Satanás sem possibilidades de uma nova acusação. Isso mostra o quanto o Anjo do Senhor estava ciente da condição espiritual do povo, muito embora isso não se constituísse em um fator que levasse Deus a negar a própria eleição que havia feito.

Embora a repetição da frase “estava em pé diante do Anjo” pareça sem motivo aparente, devemos encará-lo como uma forma de contrastar a magnificência do Anjo com a pecaminosidade de Josué. “Nós imaginamos que Deus esquece de nós, quando ele não nos socorre imediatamente, ou quando as coisas estão em um estado confuso”.²⁰

¹⁸ Keil e Delitzsch, 526.

¹⁹ Kenneth L. Barker, *The Expositor's Bible Commentary - Zechariah* (Grand Rapids: Zondervan, 1992). Versão eletrônica Pradis Version 5.01.0035.

²⁰ Calvin, 73.

v. 4 *Então, respondeu e disse aos que estavam em pé diante dele: tirai as vestes sujas de sobre ele.*

Como já argumentado, pela ordem natural da visão, essas palavras são pronunciadas pelo Anjo do Senhor. Muitos comentaristas (como Smith, Calvino, Barker, Keil e Delitzsch) acreditam que o Anjo do Senhor está dirigindo ordens a outros anjos. Isso é corroborado por outras passagens semelhantes, em que mostram o Senhor em meio a anjos (1Re 22.19-22; Is 6.1-13). É bom lembrarmos que, anteriormente, o Anjo do Senhor é figurado como aquele que tem poderes sobre emissários divinos, sendo que esses lhe prestam relatório acerca da sua visão que tiveram da terra, durante seu percurso sobre ela (1.11). Isso só demonstra sua autoridade entre os agentes do Senhor. A alternativa que identifica os anjos como destinatários da ordem do Anjo do Senhor é, somente, a mais plausível, já que os anjos são denominados de “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hb 1.14). Portanto, concluí-se que o Anjo do Senhor não estava sozinho, mas estava acompanhado com suas hostes angelicais, as quais estavam prontas para agir segundo seu comando.

A razão pela qual há a ordem para tirar “as vestes sujas de sobre ele” é explicada pelo próprio Anjo do Senhor a Josué, nas palavras que se seguem.

E disse para ele: vê! Fiz passar de sobre ti a tua iniquidade e te farei vestir vestes luxuosas.

As traduções clássicas de língua portuguesa, de empreita protestante, costumam traduzir verbo (רָאָה) como uma interjeição, “eis”. Talvez isso se deva a uma tentativa de harmonização com o v. 9 (הִנֵּה). No entanto, isso obscurece a ênfase da frase, mesmo que pouco, pois a idéia é de um alerta sobre a retirada dos trajes sujos, e não apenas de uma mera contemplação.

Vários manuscritos transpõem אֱלֹהֵי רָאָה הָעֹבְרֹתִי מֵעָלֶיךָ עֹנֶיךָ (e Ihe disse: vede que tenho feito passar de sobre ti a tua iniquidade)

para após o v. 5. Ao que parece, isso se deu com a finalidade de evitar um anacronismo, já que, somente no v. 5, há a informação de que os anjos “o trajaram com as vestes”. No entanto, essa tentativa de harmonização é por demais desnecessária, haja vista que, normalmente, a presente frase pode ser interpretada como um alerta a Josué, acerca daquilo que irá acontecer, e não que, necessariamente, aconteceu.

Vistos esses fatores externos, devemos dividir essa frase em dois aspectos, um positivo e outro negativo. O aspecto negativo é demonstrado quando o Anjo diz: “fiz passar de sobre ti a tua iniquidade”. Isso remonta ao ato anterior, onde as vestes de Josué foram retiradas por ordem do Anjo do Senhor. Elas representavam a sua iniquidade. Geralmente, a essência do significado do verbo **הֶעֱבַרְתִּי** (raiz **עבר** “passar sobre”) é a de um movimento de um objeto em relação a outro objeto que geralmente está em estado passivo – como é o caso aqui (veja Gn 8.1; 15.17; Ex 12.12,23; Sl 8.9). No entanto, em alguns poucos casos, o objeto pode estar em movimentação.²¹

O aspecto positivo é demonstrado quando o Anjo diz: “te farei vestir vestes luxuosas”. A expressão “vestes luxuosas” (**מִחֻלָּצוֹת**) era utilizada em dias de festa (Is 3.22) no que diz respeito ao traje usado. No entanto, devemos interpretar essa figura não se referindo simplesmente a uma roupa a ser trajada em um ambiente de alegria festiva. É preferível entendê-la como as vestes oficiais do sumo sacerdote, já que foi esse tipo de vestes que foi retirada de Josué. O ato de trajá-lo com novas e limpas vestes se refere à glória que resulta da restauração divina do pecado. A sua pureza é retratada em Ex 28.1-43. “Exatamente como seus filhos foram purificados e vestidos apropriadamente na instituição do sacerdócio (Lv 8.5-7), assim também Josué seria purificado para ser aceito diante de Deus em seu papel como sacerdote”.²² Por outro lado, o que a Lei mostra é que o sumo sacerdote não deveria andar “desgrenhado” ou “esfarrapado”, mas sempre trajando as “vestes santas” (Lv 21.10).

²¹ R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1998) 1069.

²² Ralph L. Smith.

Observe que cabe ao Anjo o papel de perdoar, curar e capacitar pessoas “para serem representantes e servos de Yahweh”²³. Novamente, tais prerrogativas unidas se encontram apenas em Cristo. Ora, a remoção de pecados se dá apenas com base na morte substitutiva de Cristo (Mc 2.7,10). Se isso é verdade, o Anjo do Senhor se identifica muito bem com Cristo, pois também perdoa pecados. Se havia alguma dúvida de que o Anjo do Senhor era uma teofania da Segunda Pessoa da Trindade, esse verso dissipa toda desconfiança. Calvin já dizia:

Nós agora vemos que ele é quem disse ser Jehovah é chamada de um anjo: portanto, o nome do Anjo, bem como de Jehovah, eu não tenho dúvida, deve ser aplicada à pessoa de Cristo, que é verdadeiramente e realmente Deus, e ao mesmo tempo um Mediador entre o Pai e o crente,²⁴

v. 5 E eu disse: ponham um turbante limpo sobre sua cabeça; e puseram o turbante limpo, e o trajaram com as vestes;

Este verso mostra algo inusitado no que diz respeito às visões que as Escrituras apresentam. Essa é uma das poucas vezes em que, claramente, se percebe a participação direta de um indivíduo a quem é revelado uma visão.²⁵ Esse episódio dá a impressão que a visão é paralisada em seu curso normal, quando Zacarias faz um pedido aos servos do Anjo do Senhor. No entanto, ele nos esclarece de que essa visão não se deu em sonho, já que ele se tornou ativo na mesma, o que durante o sono é impossível de acontecer.

Essa atitude dá a impressão tornar a visão inusitada, pelo fato de tal pedido parece algo dispensável, haja vista que o curso da visão demonstrava uma ação favorável por parte de Deus, e uma crescente vantagem diante de Satanás. Adicionado a isso, a troca das vestes sacerdotais implicaria, muito provavelmente, na troca do turbante, pois era uma peça utilizada pelo sumo sacerdote. Não nos impressionaríamos caso Josué estivesse trajado de um turbante sujo, antes de lhe ser colocado um turbante novo. O turbante era uma espécie de capuz, um pano enrolado na cabeça,

²³ Groningen, *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*, 832.

²⁴ Calvin, 73.

²⁵ Um outro exemplo disso, está na visão de Isaías, quando o Senhor perguntou a quem enviaria. Ao passo, que Isaías respondeu: eis-me aqui, envia-me a mim. (Is 6.8)

utilizado pelo sumo sacerdote. Era também uma peça de luxo. Em Is 3.20-22, o turbante é ladeado por vários acessórios finíssimos usados por mulheres ricas, os quais o Senhor prometera retirar do povo. No entanto, esse tipo de turbante que aqui se refere era utilizado, mais especificamente, pelo sumo sacerdote, enquanto acessório de sua vestimenta, o que, por sua vez, restringia seu uso a qualquer outra pessoa. No sentido figurativo da visão, o turbante denota um sinal de justiça (veja Jó 29.14), em que seu portador possuía dignidade e honra reconhecidas em sua posição oficial. “Zacarias requer que todas as evidências da plena investidura no ofício estejam presentes”.²⁶

O turbante do sumo sacerdote era a peça de seu vestuário em que ele carregava seu ofício, até para falar, sobre sua frente; e o turbante limpo era a base para a gravura de ouro que estava presa sobre ela, e na qual estava a definição como santidade ao Senhor, e foi chamada para levar a iniquidade dos filhos de Israel (Ex 28.36). A oração por uma mitra limpa a ser posta sobre sua cabeça, pode ser, portanto, em razão do desejo de que Josué fosse, não somente estivesse esplendidamente decorado, mas fosse apresentado santo, e qualificado para efetuar a expiação do povo.²⁷

Um fator deve ser dita aqui. Essa interrupção de Zacarias no curso normal da visão se deve ao seu desejo em ver o sumo sacerdote, bem como o povo que ele representa, adornados de justiça diante de Deus. Enfim, o pedido é aceito sem nenhuma restrição. Depois de vestido com roupas novas e limpas, Josué poderia aproximar-se de Deus, sem temor de ser consumido pela justa ira divina.

e o Anjo do Senhor estava em pé.

Esta frase não significa dizer que, em um momento, o Anjo do Senhor estava sentado e, depois, levantou-se. Ele não estava sentado, como um juiz em um tribunal. Essa expressão “estava em pé” (עָמַד) tem o sentido que o Anjo do Senhor estava ali presente. O ato de vestir Josué com vestes limpas, bem como a colocação do turbante em sua cabeça, conforme pedido por Zacarias, estava em sua supervisão. Os benefícios do povo, figurados nas ações recebidas por Josué, em nenhum momento, estavam ausentes do cuidado supervisor do Anjo do Senhor. “Ele supervisiona a atividade. Ele é

²⁶ Groningen, *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*, 832.

²⁷ Keil e Delitzsch, 527.

quem garante o direito, ao sacerdote e ao povo, de serem um reino de sacerdotes (Ex 19.6)".²⁸

O ORÁCULO:

Após falar acerca da purificação do povo, através do uso da pessoa de Josué, agora, Zacarias registra um discurso profético, em que o Anjo do Senhor tanto exorta o povo a ter uma vida santa - algo que é conseqüência natural da purificação dos pecados, quanto pronuncia um oráculo com relação à continuação e ao futuro do reino. Ao contrário dos versos precedentes em que Josué, enquanto personagem histórico, representava tanto a si mesmo quanto ao povo, podemos dizer que os versos que se seguem Josué e aos demais sacerdotes representam a si próprios. Isso se deve ao fato de que são dadas tarefas restritas à ordem sacerdotal (v. 7), além de uma especificação divina quanto aos que fazem parte dessa dita classe (v. 8).

v. 6-7 E o Anjo do Senhor testemunhou a Josué, dizendo: assim diz o Senhor dos Exércitos:

Mais uma vez, o Anjo do Senhor assume a voz do Senhor, mostrando, claramente, que ele é um mediador divino.

Segundo Calvino, o verbo "testificar" (עוֹדָה) é utilizado em um sentido forense aqui. Ele diz que, "carregando diferentes testemunhas da mesma declaração, como um juramento ou um apelo a uma autoridade legal, é interposta, assim que as palavras forem sagradas".²⁹ Adendado a isso, tal verbo procede de עוֹדָה (testemunha). No sentido usual, esse verbo ocorre na área de negócios humanos, onde é utilizado para provar a fidedignidade de algo que já foi assegurado. No entanto, como é utilizado aqui, parece ganhar um sentido forense, podendo ser traduzido como "testificar", em um sentido de afirmar solenemente. Esse vocábulo faz jus a nossa interpretação que julga tal cenário como um julgamento.

²⁸ Groningen, *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*, 832.

²⁹ Calvin, 78.

se andares nos meus caminhos, e se guardares a minha prescrição, e também tu julgares minha casa, e também guardares os meus átrios, te darei percursos entre os que estão aqui.

Nesse verso, não somente é garantida a continuação do sacerdócio, como também é prometido a Josué que, através desses esforços que foram frutos da purificação divina, haveriam bênçãos reservadas. Para tal, ele deveria cumprir tanto exigências morais (andar nos caminhos, e guardar as prescrições) quanto exigências rituais (julgar a casa do Senhor, e guardar os seus átrios).

Infelizmente, as versões clássicas portuguesas traduzem “julgar a casa” e “guardar os átrios” como se elas fizessem parte da promessa, e não como condicionais, traduzindo-as como “julgarás” e “guardarás”. As razões gramaticais para tal são apresentadas por Barker: “O Anjo do Senhor deu uma ordem a Josué (v. 6). Na ordem (v. 7) duas condições são ditas, com três resultados seguindo. A prótase é indicada por *im* (‘se’), a partícula condicional. A apódose ou resultado é marcado por *we* (*gam*), o *waw* sendo traduzido como ‘então’”.³⁰ No entanto, uma rápida análise no texto original mostra que esse argumento é infundado. Isso se deve a duas razões: (1ª) o fato da partícula condicional ׀ (‘se’) estar ligada apenas às sentenças dos verbos “andar” (אִם-בְּדַרְכֵי תֵלֵךְ) e “guardar” (וְאִם אֶת-מִשְׁמְרֹתַי תִּשְׁמֹר) não é conclusiva, já que a partícula ׀, que acompanha as sentenças dos verbos “julgar” (אֶת-בֵּיתִי) e “guardar” (וְגַם תִּשְׁמֹר אֶת-חֲצֵרֹי), numa construção peculiar, pode introduzir algum elemento que já foi repetido outrora, tal como um nome, um pronome, um verbo ou, até mesmo, outra partícula.³¹ Dessa forma, o “também” que acompanha os verbos “julgar” e “guardar” são uma referência à mesma partícula condicional “se”. Portanto, numa tradução livre, não haveria nenhum problema em traduzir a frase nos seguintes termos: “se andares nos meus caminhos, e se guardares a minha prescrição, e *também se* tu julgares

³⁰ **Barker**. Quando o dito autor cita o *waw* como sendo a tradução de “então”, ele está se referindo as versões inglesas, como a King James Version e a New International Version. Isso não interfere tanto na questão, já que o ponto restringe-se às diferenças linguísticas entre o português e o inglês. O importante é sabermos que os tradutores, tanto brasileiros como ingleses, tinham a mesma linha de pensamento.

³¹ Analise o termo em **Luis Alonso Schökel**, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português* (São Paulo: Paulus, 2002), 140.

minha casa, e *também* se guardares os meus átrios...”; (2ª) Embora, em muitos casos, o tempo dos verbos hebraicos seja determinado pelo contexto, devemos observar a sua forma verbal, pois ela determina se a ação foi terminada (no sentido de concluída) ou não. Nesse caso, quatro verbos aqui analisados estão no imperfeito, o que significa dizer que todos estão com uma ação incompleta que, ainda, não se concluiu. Daí traduzimos tais verbos como se estivessem no futuro. Apenas o verbo “dar” (וַיִּתֵּן) está no perfeito, o que indica que somente nele há um diferencial nos verbos que compõe a declaração do Anjo do Senhor.

Enfim, “andar nos caminhos do Senhor” e “guardar as prescrições do Senhor” significam a mesma coisa. Eles formam um paralelismo. Isso é corroborado por um outro paralelismo ocorrido em um discurso de Moisés, quando ele se dirigiu ao povo de Israel, próximo a conquista da terra. Ele disse: “*Guarda os mandamentos do SENHOR, teu Deus, para andares nos seus caminhos e o temeres*” (Dt 8.6). Uma passagem semelhante, Davi aconselha a Salomão com essas mesmas palavras, invertendo a ordem da frase, o que corrobora ainda mais o nosso entendimento do texto como um paralelismo. Ele diz as seguintes palavras: “*Guarda os preceitos do SENHOR, teu Deus, para andares nos seus caminhos, para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na Lei de Moisés, para que prosperes em tudo quanto fizeres e por onde quer que fores*” (1Rs 2.3).

Um ponto aqui deve ser adicionado. É melhor traduzir מְשִׁבְרֵי מִנְיָן como “a minha prescrição”, em vez de “meu serviço” ou “meu ministério” – como algumas traduções estrangeiras sugerem, por causa do paralelismo que ele faz com o termo precedente: “meu caminho”. O paralelismo seguinte é que irá falar a respeito do ofício de sacerdote que Ihe conferia: julgar a casa e guardar os seus átrios.

À semelhança do paralelismo anterior, devemos entender que “julgar a casa” e “guardar os átrios” se constituem em um paralelismo. O que está em ênfase nessas frases é o desejo que o serviço no templo fosse exercitado com cuidado, mantendo o culto distante de qualquer ídolo que o povo pudesse novamente abraçar. Implicitamente nesse paralelismo está a

promessa de reconstrução do templo. Deus ordena que Josué fosse fiel em “guardar os átrios”, mesmo que esses estivessem em ruínas a mais de setenta anos.

Juntando ambos o primeiro e o segundo paralelismo, a ordem do Senhor a Josué e os sacerdotes se resumia em governar o serviço cultico e espiritual de acordo com a Palavra de Deus, através de sua prática. Tanto é que “a repetição do verbo שָׁמַר é significativa: guardar os mandamentos é condição para guardar os átrios: o ético e o cultural”.³² Não é a primeira ocorrência nas Escrituras em que uma promessa é dada ao povo com a condicionalidade de que correspondam com santidade. Por exemplo, Moisés disse ao povo: “O SENHOR te constituirá para si em povo santo, como te tem jurado, quando *guardares os mandamentos do SENHOR*, teu Deus, e *andares nos seus caminhos*” (Dt 28.9).

Diante dessas condicionais, é adicionada uma promessa, “pois Josué tipificava Cristo, e também nós vimos como Deus o compele a certas condições, a fim de que não confie em sua própria honra e título, ele tomaria a si próprio, mais do que aquilo que era legal ou direito”.³³ A promessa a Josué é: “te darei percursos entre os que estão aqui”. Ao que parece, “os que estão aqui” se refere aos mesmos seres que trocaram a roupa de Josué (vs. 4-5), os quais preferimos entender como anjos. Adotamos essa opção devido esses seres se constituírem nos únicos personagens que restam na visão, o que nos deixa sem qualquer outra possibilidade.

A natureza dessa promessa depende muito do que entendemos por “percursos” ou “livre acesso” (מְדָלָכִים). Isso não significa dizer que Zacarias teria possibilidade de ir e voltar, conversar e passar estadia com anjos. Não é esse o caso. Na realidade o texto aponta para a promessa de que haveria um dia em que ele teria um livre acesso a Deus, coisa que somente os anjos tinham (“estavam em pé diante dele”, v. 4).³⁴ As restrições do Antigo Testamento teriam um fim, quando a nova era chegasse. Essas afirmações se encaixam perfeitamente com o testemunho neotestamentário que assevera que os crentes têm livre acesso a Deus, por meio da obra de Cristo Jesus, nosso

³² Luis Alonso Schökel e J. L. Sicre Diaz, *Profetas* (São Paulo: Paulus, 2ª ed, 2002), II.1194.

³³ Calvin, 78.

³⁴ Barker.

sumo sacerdote (Hb 4.16; 10.19-22). Esse novo tempo é anunciado nos vs. 8 e 9.

v. 8 Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e teus companheiros que se assentam diante de ti,

Essas palavras são repletas de importância para Josué, já que antecedem palavras de cunho profético. Por essa razão que a frase inicia com uma advertência a Josué e seus companheiros. Esses companheiros (וְרֵעֵיךָ) se referem aos demais sacerdotes. Eles, também, deveriam “ouvir” essas palavras, pois a sua importância era notável, já que há uma tendência generalizada dos homens em esquecer ou desprezar aquilo que Deus lhes requer. Esse verbo é repetido várias vezes nos discursos de Moisés em Deuteronômio, tanto em direção ao povo (4.1; 5.1; 6.4; 9.1; 20.3) como a Deus (33.7). Até aqui, os demais sacerdotes não tinham sido mencionados, haja vista que eles não estavam presentes na cena. Na realidade, quando o texto menciona-os, não significa dizer que eles se tornaram presentes na visão. O Anjo do Senhor faz apenas uma citação deles, o que, claramente, não indica a sua presença, mas a implicação deles nessas palavras.

Enfim, esses sacerdotes eram chefiados pelo sumo sacerdote. É nesse sentido que eles “se assentam diante” de Josué. O sumo sacerdote é aquele que preside a assembléia de sacerdotes, sendo que eles lhe devem respeito e submissão. Semelhantemente, Ezequiel presidiu assembléias com anciões e com o povo (Ez 8.1; 14.1; 20.1; 33.31). Nesse sentido, o papel de Josué ganha proeminência já que o direcionamento que ele daria aos demais sacerdotes era de importância ímpar, no que diz respeito a cumprir as ordens divinas do verso precedente: “andar nos caminhos do Senhor”, “guardar as prescrições do Senhor”, “julgar a casa do Senhor” e “guardar os átrios do Senhor”.

porque eles são homens de sinal;

A preposição hebraica כִּי (porque) inicia o clímax do oráculo. A principal função dos sacerdotes não constituir um corpo de governo que transmitisse estabilidade. Na realidade, diante de Deus, a principal função

deles era de simbolizar algo que viria. Na análise lexicográfica, percebemos que há uma dificuldade em traduzir מוֹפֵת (sinal), já que esse termo está ligado há vários significados dentro do mesmo escopo. A sua raiz derivar-se do verbo אָפַת, que, por sua vez, tem fortes ligações com o seu cognato arábico أُوتٍ, que significa tanto calamidade quanto milagre, sinal, presságio. Daí a dificuldade de se traduzir o termo. Dentre várias, as traduções de maior destaque são “prodígio”, “portento”, “presságio”, “sinal” (de alguma coisa futura) ou “signo”. O BDB prefere traduzir tal termo nesta passagem como “sinal”, dando a entender que os sacerdotes são “homens que servem como um símbolo ou sinal”. Essa tradução se adapta melhor a lógica do texto.³⁵

Sendo assim, devemos entender que os sacerdotes, através de seu ofício, eram símbolos. Daí se deriva sua importância nos planos de Deus. É preferível entender que Josué e os sacerdotes, na sua época, eram testemunhas da era messiânica, mas, até que essa era chegasse, eles serviriam como sinal de sua vinda.³⁶ Portanto, os sacerdotes deveriam entender que tinham uma função muito importante dentro do processo histórico redentivo, pois apontavam para além de si próprios.

Devido ao simbolismo dos sacerdotes, surge mais um motivo da tão veemente repreensão do Anjo do Senhor a Satanás: acusar o povo na figura de seu sumo sacerdote levaria, implicitamente, a tentar destruir a simbologia que o próprio Deus havia colocado no mesmo com referência ao Messias que viria. Além de acusar Josué, o povo por ele representado, e os sacerdotes, Satanás tinha o objetivo de destruir o papel messiânico que estava presente no ofício sacerdotal.

eis que eu farei vir o meu servo, o Rebento.

Eis a chave para se entender a frase anterior. Após falar acerca da simbologia que envolvia os sacerdotes, o Anjo do Senhor revela quem é que estes sacerdotes representavam, se trata do Rebento (רִבְמוֹ). O profeta Jeremias utilizou a mesma palavra para se referir à vinda de um novo rei justo,

³⁵ Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, 10ª ed. (Peabody: Hedrickson, 2006), 68-69.

³⁶ Incidentalmente, o nome “Jesus”, que é um nome grego, corresponde ao nome hebraico “Josué”.

da linhagem de Davi (23.5; 33.15). Utilizando um sinônimo, Isaías profetizou que “do tronco de Jessé sairá um rebento (הַטֵּמֶר), e das suas raízes, um renovo” (11.1). Já Ezequiel utilizou a expressão “meu servo Davi” (34.24; 37.24) para se referir à figura do rei dessa nova era. “No contexto das profecias de Ageu e Zacarias, bem como no contexto mais amplo das profecias, os epítetos Servo e Renovo referem-se a Davi e a seu antítipo, o Messias”.³⁷ Sendo assim, Zacarias vê esse personagem messiânico como a combinação de “rebento” e “servo”. Ele seria tanto um sacerdote quanto um rei.

Esse personagem messiânico é bem representado pela figura de um rebento. Ele ilustra um galho cortado, cuja renovação surgirá em breve. Ele seria uma espécie de um novo galho que brota do mesmo local onde havia sido cortado o original, como que vindo do nada. De acordo com Isaías, esse tronco é Jessé, pai do rei Davi. Aparentemente, com o cativoiro, a linhagem real de Davi estava fadada a ser destruída. Com a volta a terra, as esperanças ressurgem, e o Messias é apresentado como o renovo da linhagem real de Davi. Posteriormente, Josué recebe a mensagem de que o Rebento “brotará do seu lugar e edificará o templo do SENHOR. Ele mesmo edificará o templo do SENHOR e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono, e dominará, e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios” (Zc 6.12-13).

Um ponto que nos traz mais afeição a esse Rebento é tanto sua humildade quanto sua glória. Como já observamos, a sua aparição é muito simplória, quase imperceptível. No entanto, Jerusalém é convidada a se alegrar e exultar, pois “aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (9.9).

Eis um grande incentivo para Josué e os demais sacerdotes: de um estado de humilhação, em que o pecado cobria suas vidas, eles passam a um estado de glória, em que espelham o Messias, o grande rei, que virá. A esse respeito, “ele [Deus] prometeu que um sacerdote erguer-se-ia igual a um ramo de uma árvore, pois Deus faria Cristo levantar-se, apesar de encobrido,

³⁷ Groningen, *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*, 833.

não somente sobre a base, mas sobre a própria terra, igual um broto que ergue-se da raiz, após a árvore ter sido cortada”.³⁸

Após chegarmos até esse ponto, uma indagação já deve ter surgido na mente do leitor: não haveria uma contradição em apontar, em um momento, o Anjo do Senhor como uma teofania de Cristo, identificando-o como o próprio Deus, e, já em outro momento, computar a Josué e aos demais sacerdotes como um sinal do Messias? Esse ponto, por mais minucioso que seja, é muito importante, já que trata da natureza da pessoa do Messias já no Antigo Testamento. Digo isso, porque há uma extensa bibliografia que trata acerca da pessoa de Cristo, a partir de uma análise do Novo Testamento, esquecendo do que é dito no Antigo Testamento. Enfim, a resposta a essa indagação é negativa. Não há qualquer incongruência entre esses pontos, se observamos o progresso da revelação em seu contexto histórico-redentivo. O fato de que há uma materialização do Anjo do Senhor nas teofanias (podia-se olhar para ele, tocar nele, senti-lo, etc.) torna, necessariamente, um presságio daquilo que hoje sabemos, que Cristo foi a única pessoa da Trindade que “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14).³⁹ Ora, se, por um lado, há uma clara indicação de que o Anjo do Senhor, funcionando aqui com uma natureza divina, apontava para o Messias, já por outro lado, os sacerdotes apontavam para ele em sua natureza humana, haja vista que ele viria “do tronco de Jessé” (Is 11.1). O messianismo multifacetado que essa passagem apresenta nada mais é que uma visão direcionada, mesmo que não tão clara, daquilo que o Novo Testamento nos mostra: um mediador com uma natureza humana e com uma natureza divina, a saber, Cristo. É nesse sentido em que o texto o chama de “servo de Deus”. Calvino entendeu muito bem esse ponto, quando asseverou isso com as seguintes letras: “E porque ele é chamado um servo tem sido declarado alhures, pois ele rebaixou-se a fim de que ele possa não somente ser o ministro de seu Pai, mas também dos homens. Igualmente, como Cristo condescende em tornar servo de homens, isso não seria impressionante que ele é chamado de servo de Deus”.⁴⁰

³⁸ Calvin, 84.

³⁹ Para uma pesquisa mais aprofundada, veja o excelente **Geerhardus Vos**, *Biblical Theology: Old and New Testament* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 2000) 74-75.

⁴⁰ Calvin, 82.

Barker traz uma interessante observação acerca do uso de Rebento e Servo, juntamente com outros títulos, nos quatro Evangelhos. Ele diz:

Como Rebento, o Messias está presente no AT em quatro diferentes aspectos de seu caráter (Rei, Servo, Homem e Deus). Esses aspectos são desenvolvidos no NT nos quatro Evangelhos: (1) em Mateus como o Rebento de Davi, i. e., como Rei Messiânico Davídico (Is 11.1; Jr 23.5; 33.15); (2) em Marcos como o Servo do Senhor, o Rebento (Is 42.1; 49.6; 50.10; 52.13; Ez 34.23-24; Zc 3.8); (3) em Lucas como Homem de quem o nome é Rebento (Zc 6.12); e (4) em João como Rebento do Senhor (Is 4.2).⁴¹

v.9 Porque eis a pedra que eu coloquei diante de Josué;

Observe que, anteriormente, as palavras do Anjo do Senhor se dirigiam a Josué. No entanto, a repetição do nome de Josué, e a informação do local da pedra, nos levam a entender que essas palavras têm um outro destinatário, embora tal destinatário seja um personagem ativo na visão. Devido à qualidade das informações que se seguem, tais como a renovação da situação da terra com a inauguração da nova era pelo Rebento, devemos desacreditar da possibilidade que o destinatário seja Satanás. No entanto, devido à sua participação ativa e positiva na visão em um outro momento, devemos entender que o destinatário é o profeta Zacarias.

Há uma divergência quase infinda acerca do significado da “pedra” (הַאֲבֶנֶת) no contexto dessa visão. Alguns já propõem que tal pedra se referia a uma pedra com uma inscrição no turbante do sumo sacerdote, acerca da sua santidade (Ex 28.36-38).⁴² No entanto, não devemos conceber isso, já que não haveria dificuldades de dizer que essa pedra estaria fixa no turbante. Ademais, a pedra foi colocada “diante” (לְפָנָיו) de Josué, e ali permaneceu, não sendo fixada em seu turbante. Outros qualificam a pedra como um símbolo do reino de Deus,⁴³ outros entendem como uma terceira predição do Messias, outrora denominado como Servo e Rebento;⁴⁴ outros advogam que ela se

⁴¹ Barker.

⁴² Vide Schökel e Diaz, II.1195.

⁴³ Keil e Delitzsch, 531.

⁴⁴ Groningen, *Revelação Messiânica*, 833; Barker.

refere a uma pedra do templo;⁴⁵ outros entendem que essa pedra é uma pedra qualquer.⁴⁶

Apesar de todas essas possibilidades que foram propostas, acredito que essa pedra não tem significado próprio, ou seja, seu significado está associado a alguma coisa presente na visão. Penso que essa coisa seja a inscrição que o Senhor está prestes a fazer nela. Ela somente existe devido ao que vai ser escrito nela. Nada mais no texto é declarado. Sendo assim, seu sentido não é menosprezado, já que ela cumpre o papel de acolher as palavras gravadas pelo próprio Senhor. Ora, quando se imaginava escrever algo com duração permanente, se pensava em gravar numa pedra. Além disso, a pedra servia como objeto para uma solene inscrição. Algo semelhante ocorre com as duas tábuas da Lei dadas a Moisés, devido à solenidade e à qualidade das palavras nela inscritas. Enfim, essa é a alternativa que mais faz jus à defesa de um significado dentro do próprio texto.

sobre esta única pedra estão sete olhos;

Há uma dificuldade na tradução do termo עֵינַיִם, devido a sua versatilidade semântica. Por um lado, tal termo pode ser traduzido como “olhos” e “facetas”.⁴⁷ Evidentemente, essas duas traduções podem ser utilizadas com pouca diferença, pois a idéia está ligada ao rosto ou a face. Por outro lado, o dito termo poderia ser traduzida como “fontes”, no sentido de “fonte de água”. Se isso for verdade, a figura é de uma pedra que jorra água de várias partes da mesma. Alguns estudiosos, tais como Smith, Groningen e Baldwin⁴⁸, entendem assim. Apesar de podermos fazer ligação entre a água e a purificação das vestes de Josué, parece mais cabível aceitar “olhos”, pois se encaixam melhor no contexto, onde o Senhor é figurado gravando o nome de Josué na pedra. Embora as figuras proféticas possuam traços muitos próprios, e, em alguns casos, essas características não nos proporciona fazer analogia

⁴⁵ Calvin, 85; Smith.

⁴⁶ Baldwin, 93.

⁴⁷ A grande maioria das versões traduzem como “olhos”. Já a tradução da Jewish Publication Society, a The New American Bible, The New Living Translation e a Revised Standard Version, traduzem como “facetas”.

⁴⁸ Veja bons argumentos exegéticos a respeito dessa possibilidade em Baldwin, 94 e 95.

com a realidade presente, seria muito estranho imaginar Deus gravando um nome de alguém numa fonte de água.⁴⁹

Resolvido isso, há, ainda, outra dificuldade: essa pedra possui sete olhos, ou os sete olhos estão voltados para essa pedra? Os sete olhos estão na pedra ou estão sobre a pedra? Essa dificuldade nasce da tradução da preposição על. Se a preposição utilizada fosse אל, não haveria tanta dificuldade, pois claramente se referia a olhos voltados sobre um objeto (veja Sl 33.18; 34.15). No entanto, há textos paralelos em que על tem esse sentido (veja Gn 44.21). Ademais, o fato de que haverá uma inscrição sobre a pedra acarretaria um número de detalhes sem vínculo algum, num mesmo objeto, sem contar que a inscrição já a característica preponderante da pedra. Finalmente, à luz do senso comum, é algo muito corriqueiro encontrarmos pedras que foram objetos de uma gravura de uma frase ou nome. Mas, é muito estranho, senão impossível, utilizarmos uma figura de linguagem tal como “pedra que tem olhos”, já que não há nenhum significado paralelo claro. Até mesmo a referência que, no futuro, será escrito algo sobre a pedra, retira qualquer idéia de algo que esteja ligado ao seu corpo. Portanto, é preferível entender que os sete olhos estão sobre a pedra.

O numeral “sete”, freqüentemente, é usado para denotar uma idéia de completude. Quando utilizado em referência a objetos, dá o sentido de perfeição. Se isso for verdade, devemos entender que os “sete olhos” significam a mais perfeita percepção. O sentido é que esta pedra é vista com todo o cuidado possível. Ela tem total atenção por parte de Deus, pois o seu olhar está fixo nela (Zc 4.10). No entanto, o Novo Testamento amplia ainda mais o sentido dessas palavras, nos concebendo o *sensus plenior* dessa passagem. A passagem de Ap 5.6 mostra o Cordeiro de Deus que possuía “sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra”. Se o princípio hermenêutico reformado chave diz que a Escritura interpreta a própria Escritura, então devemos concluir que esses olhos voltados para a pedra

⁴⁹ A referência de que “naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado e contra a impureza” (Zc 13.1) não fecha a questão, pois não há indicações que tal fonte seja em uma pedra. Ademais, o termo utilizado para fonte em 13.1 (מַקְוֵה) é diferente desse verso (עֵינַיִם).

nada mais é do que olhar cuidadoso do Espírito Santo.⁵⁰ Observe que essa passagem fornece uma visão da Trindade: o Anjo do Senhor sendo considerado como Deus pelo texto, e o Espírito Santo com sua atenção toda voltada para a pedra.

eis que eu gravarei sua inscrição, declaração do Senhor dos Exércitos;

Algumas versões portuguesas, como a ARA, ARC e ACF, traduzem a frase מִפְתַּח פְּתָחַהּ הִנְנִי como “eis que eu esculpirei a sua escultura” ou “eis que eu lavrarei a sua escultura”. Concordantes com esse seguimento de tradução, se encontram a King James Version, a American Standard Version, a Darby Version, a Douay-Rheims American Edition, a Webster Bible e a New American Bible. Em contrapartida, a Bíblia de Jerusalém traduz tal frase como “eis que vou gravar sua inscrição”. Concordantes com essa tradução estão a Nova Versão Internacional, a New International Version, a New Jerusalem Bible, a Reina-Valera Actualizada, a English Standard Version, a New Revised Standard Version, a New American Standard Bible, a New Living Translation, etc.

Essa dificuldade nasce de como entendemos פָּתַח (“gravar”), já que a raiz do substantivo em debate (פְּתָחַהּ) deriva-se desse verbo. Em seu sentido primário, פָּתַח significa “abrir”. Em um sentido secundário, ele significa “entalhar”, “gravar”. O cognato assírio *patâhu* significa “perfurar” ou “penetrar”, que dá o meio-termo de ambos os significados. No piel, como é o caso aqui, ele pode significar “gravar”, “burilar”, “cinzelar” ou “entalhar”. Devido a sua derivação, o substantivo פְּתָחַהּ pode significar “gravura”, “relevo” ou “inscrição”. Devido a hebraísmos, substantivo e verbo estão juntos na frase (מִפְתַּח פְּתָחַהּ הִנְנִי), podendo ser traduzimos como: “eis que esculpirei sua escultura” ou “eis que inscreverei sua inscrição”.

Duas razões nos levam a crer que a tradução “eis que eu inscreverei (ou gravarei) a sua inscrição” é a correta: (1ª) a história de Israel

⁵⁰ Mesmo se traduzíssemos עֵינַיִם como “fonte”, não haveria dificuldade em creditar uma referência ao Espírito Santo, já que Ezequiel utilizou a água como um símbolo do mesmo (Ez 47.1-12).

demonstra o quanto esse povo era propenso a se voltar para ídolos feitos por mãos humanas. Se as Escrituras apresentassem a cena de Deus talhando uma escultura, haveria um contra-senso divino, já que Ele, mesmo indiretamente, faz aquilo que proíbe; (2ª) as muitas informações contidas nessa passagem leva-nos a crer que algo “inscrito” se encaixa melhor do que algo “esculpido”.

Enfim, apesar disso tudo, o texto não nos fala o conteúdo da inscrição. A despeito disso, a dita inscrição deve estar relacionada com as promessas ditas na visão, visando à garantia de seu cumprimento. “A frase, portanto, pretende dar garantia à comunidade de que seu passado foi realmente removido, de que Yahweh está com eles, e de que o Messias prometido certamente virá e proverá um futuro glorioso para seu povo”.⁵¹

Essas palavras se constituem em um oráculo do Senhor. A palavra que traduzimos como declaração (אָמַרְתִּי) pode, também, ser traduzida como “oráculo”. Ela é utilizada pelo Senhor em contextos de juramentos que ele profere (Gn 22.16; 14.28; 1Sm 2.30; 2Rs 9.6), em ordens (2Rs 19.33; Sl 110.1), em declarações formais (2Rs 22.19; 2Cr 34.27), etc.⁵²

e removerei a iniquidade desta terra num único dia.

O perdão dos pecados do povo estão em ponto aqui.

Se o pecado foi a causa base do banimento do povo da terra e da destruição do templo, então a remoção da corrupção do pecado precisa ser uma parte essencial da restauração do exílio. Como uma matéria de fato, pode ser concluído que, aparte da provisão para a purificação do pecado, a genuína restauração do exílio não poderia ocorrer.⁵³

Num sentido mais amplo, podemos perceber que a antiga dispensação mosaica e seus rituais sacrificiais para purificação de pecado não possuíam um caráter definitivo. Eles eram apenas sombras e tipos temporários daquilo que surgiria na nova dispensação do pacto da graça. Tanto é que a ocorrência do sacrifício oferecido no dia da expiação não tinha o efeito

⁵¹ Groningen, 835.

⁵² Em alguns casos, quando usadas por homens, pode ser usado no sentido de declaração formal (2Sm 23.1) ou num sentido pejorativo (Sl 36.1; Pr 30.1).

⁵³ Robertson, 379.

suficiente e perfeito para remover o pecado, caso contrário, ele não se repetiria. Tal rito não tinha o poder de remover o pecado num único dia.⁵⁴

Quando o texto fala que o perdão dos pecados se daria “num único dia”, deve-se entender não se referindo a um dia literal, muito embora saibamos que tal perdão é instantâneo – no sentido de instante, e não processual. Dessa forma, é melhor compreendermos como um tempo particular. O ponto do profeta não é falar somente acerca dessa expiação completa e final, mas também apontar que haveria um tempo particular onde essas coisas aconteceriam. À luz disso, devemos entender que “num único dia” se refere a essa perfeição que a nova era traz. Nesse tempo, a iniquidade seria retirada para sempre, sem a necessidade de rituais periódicos, através da obra do Messias que viria (Hb 7.27; 9.12; 10.10).

v. 10 Naquele dia, declaração do Senhor dos Exércitos, convidareis um homem para ser sua companhia até debaixo da videira e para debaixo da figueira.

O resultado da remoção do pecado na terra é a paz. Não somente a terra sofrerá mudanças positivas, mas, também, os seus habitantes teriam uma nova forma de encarar a suas relações, tanto com a terra quanto com o seu próximo. Os habitantes desse lugar estariam seguros, longe de todo e qualquer medo ou perigo. Muito diferente do ambiente em que viviam, em que, freqüentemente, os habitantes da terra procuravam uma cidade, nas imediações de Judá, que lhe maior segurança dos ataques dos povos inimigos. O medo era um incômodo vizinho que, diariamente, batia a porta do povo. Isso tudo se deve ao zelo do Senhor pelo seu povo. Nenhum mal se daria com seu povo sem primeiro ofendê-lo (10.4-12).

A figura de um homem sentado embaixo de uma videira e de uma figueira remonta a época de Salomão, onde a paz reinava sobre Israel (1Rs

⁵⁴ É interessante notar que a conexão dos ofícios de sumo sacerdote e rei numa única pessoa, com a purificação do pecado na terra, se dará num único momento. A segunda parte do livro mostra que esse momento será um tempo de profundo contraste, pois será uma ocasião tanto de pranto (12.10-11) quanto de renovação espiritual (13.1-6). Deve-se destacar que a renovação espiritual do povo nascerá quando eles olharem “para aquele a quem transpassaram”, e começarem a prantejar “como quem pranteia por um unigênito” (12.10). Tal pranto será semelhante àquele que ocorreu na morte do rei Josias, o último dos monarcas de Israel que temeu a Deus (12.11; compare com Lc 23.27-28; Jo 19.34-37). A idéia de uma pessoa que seria enviada por Deus para derrotar seus inimigos, e livrar o povo da condenação, apesar de sofrer uma tortura, é novamente retratada aqui, como um eco do Proto-Evangelho, em Gn 3.15.

4.25). Além disso, figuras como videira e figueira são sinais de bênçãos agrícolas. Em meio a uma terra, outrora, desertificada, o Senhor promete que, naquele dia, sempre haverá colheita (Is 11.1-9). À luz da promessa anterior, em que é anunciada a vinda do Rei Servo, o ideal de uma terra que viveria paz é novamente retratado aqui. Outros profetas mostram que, quando o Senhor purificasse a terra de seus pecados, o Messias reinaria sobre ela (Mq 4.4; Jo 1.48-50). Cada homem teria sua própria morada, onde a comunhão com o seu vizinho refletisse o caráter dessa nova era, uma época de paz, em que o descontentamento e a miséria seriam anulados. Prosperidade e paz se tornariam sinônimos nesse tempo. A respeito do Rei Servo,

o profetismo anterior ao exílio de Israel se concentrou na expectativa de um rei Davídico imaginário com a nação liberta, com uma ampliada realização em que a persistente falta de monarcas terrenos significa que somente um divino interventor poderia retificar as desordens criadas pelo pecado (Is 7.14; 9.6-7; 11.1-10). Durante o exílio de Israel, a esperança de um futuro rei e reino expandiu em grandes dimensões, embora preservando a relação de continuidade com o passado. O povo de Deus seria restaurado. Eles partiriam do lugar do seu exílio, e retornariam a terra prometida, onde o futuro templo quebraria os laços das limitações geográficas (Ez 40-48) e o singular herói salvífico seria um Filho do Homem, um filho da humanidade como um todo, não limitadamente um filho de Jacó. Ele seria investido como soberano universal (Dn 7.11-14).⁵⁵

Esse mesmo Rei estenderá essa paz a todas as nações, pois “Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até às extremidades da terra” (Zc 9.10). Devido a essa paz instalada pelo Rei Servo, o povo de Deus crescerá grandemente, já que judeus e gentios se unirão para buscar o Senhor em Jerusalém (8.20-23).⁵⁶ Na realidade, esse Rei é o instrumento divino para estabelecer a ordem no mundo. “Quando seu reino for completamente estabelecido, seu povo estará seguro para todo o sempre”⁵⁷, pois eles “habitarão nela, e já não haverá maldição, e Jerusalém habitará segura” (14.11). Segurança e habitação serão características primevas dessa terra. É isso o que significa dizer que Sião terá “um muro de fogo em

⁵⁵ **Robertson**, 382.

⁵⁶ Evidentemente, Jerusalém aqui não significa literalmente uma cidade, mas “as bênçãos e proteção de Deus que vêm da presença de Deus com seu povo (veja Sl 46)”. **William A. VanGemeren**, *Interpreting the Prophetic Word* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), 200.

⁵⁷ Idem.

redor” (2.5), pois ela “será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão de homens e animais que haverá nela” (v. 4).

Nesse dia, o Senhor e o Criador de tudo transformará todas as coisas: “Acontecerá, naquele dia, que não haverá luz, mas frio e gelo. Mas será um dia singular conhecido do SENHOR; não será nem dia nem noite, mas haverá luz à tarde. Naquele dia, também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e a outra metade, até ao mar ocidental; no verão e no inverno, sucederá isto” (14.6-8). Toda a humanidade será grandemente abençoada, onde todos serão crentes, cujo gozo será refletido em seu viver num mundo santo, glorificando e honrando seu Deus (14.20-21).